

O ENSINO DA TRADUÇÃO: HÁ UMA METODOLOGIA EFICAZ?

Cristiane Roscoe Bessa
Universidade de Brasília

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar a conjuntura que envolve a pedagogia da tradução. Apresenta-se um breve histórico da institucionalização da tradução e a

contraposição: tradução como arte ou ciência. Examina-se, a seguir, o tratamento dispensado ao ensino da tradução, por diferentes autores, com relação à ênfase na teoria ou prática; processo ou produto. São tecidos, ainda, alguns comentários sobre a bibliografia de apoio disponível, possíveis procedimentos e, por fim, a importância de uma formação mais abrangente.

Palavras-chave: prática, produto, metodologia, procedimentos, empirismo.

Abstract: The aim of this paper is to analyze what is involved in the pedagogy of translation. A brief history of the formalization of translation and the question of whether translation is a science or an art are presented. The next step is to examine the treatment given to the pedagogy of translation by different authors concerning the emphasis on the praxis or theory; process or product. The present paper also comments on the available support

bibliography, possible procedures and the importance of a more widening education.

1. Tradução: arte ou ciência¹

Pode-se dizer que a pedagogia da tradução não existiu durante muito tempo. Segundo Mounin², sua inexistência ocorreu em função de os Departamentos de Línguas das Universidades formarem pouquíssimos tradutores e considerarem a tradução uma prática muito arcaica. Ademais, discorre o autor, as escolas de tradutores propriamente ditos permaneciam fechadas em seu círculo e não publicavam praticamente nada de suas experiências.

Nas décadas passadas, parecia haver certo ceticismo com relação à possibilidade de criar-se uma sistematização para o ensino de tradução. Tradutores julgavam-se auto-

1) Uma primeira versão deste artigo constituiu o capítulo intitulado "A pedagogia da tradução", da Dissertação de Mestrado "A tradução de rótulos de cosméticos e cosméticos" da mesma autora. A presente versão sofreu alterações tanto de ordem micro-textual como macro-textual.

2) Mounin, 1984: 29.

suficientes e não queriam ver seu ofício subjugado a uma sistemática. Ao propor a tradução como atividade essencialmente interdisciplinar, Ballard (1984) observa que sua prática se dá de forma ocasional. Havia, ressalva o autor, entre tradutores:

um sentimento de ofensa e de ceticismo dos adeptos e praticantes desta atividade que achavam que ela própria já lhes bastava e para a qual não saberiam elaborar uma sistemática.³

Mattos (1980) observa a constituição de alguns cursos universitários na Europa para que funcionem como modelos na implantação do Curso de Tradução na Universidade de Brasília. O autor, embora proponha a institucionalização dessa atividade, reconhece que aqueles que não a consideram "uma ciência experimental" provavelmente titubearão em responder afirmativamente à pergunta: é possível ensinar tradução?⁴

Alguns tradutores iam mais longe e consideravam a tradução uma arte, e não uma ciência, a ser aprendida por cada praticante isoladamente. Era como no caso de artistas, apenas aqueles dotados de uma aptidão especial teriam sucesso.

Enfim os próprios tradutores parecem procurar o métier, que consideram um artesanato ou uma arte, o qual não se presta apenas à transmissão de métodos.

3) Ballard, 1984: 13 (A tradução desta citação é minha).

4) Mattos, 1980: 13.

5) Mounin, 1984: 29 (A tradução desta citação é minha).

6) Aubert, 1996: 69.

7) *Ibidem*: 63.

Tinha-se o dom ou não; em caso afirmativo, aprenda-se fazendo.⁵

Ao analisar a relação entre universidade e tradutor, Aubert ressalta a generalizada desatenção que envolve a tradução. Quando considerada objeto de estudo no âmbito acadêmico, cabe-lhe apenas o epíteto de sub-área da linguística ou das línguas estrangeiras modernas.

As áreas de conhecimento reconhecidas pelas entidades de fomento e similares não registram o item "tradução" ou "traduologia", como área ou subárea autônoma, deixando implícito, quando muito, sua inserção como "especialidade" sob possíveis outros rubricas (8.02.01.02.00-4 – Línguas Estrangeiras Modernas ou 8.01.06.00-5 – Linguística Aplicada).⁶

No intuito de traçar o perfil do tradutor, Aubert percebe que ele não vem sendo dissociado do profissional de Letras no país. Sua preocupação é ainda mais abrangente, pois reconhece que a identidade da área de Letras, cuja região limítrofe com a tradução é indefinida, está também ameaçada, tanto na esfera acadêmica como na atuação do profissional já inserido no mercado de trabalho.

Aubert⁷ observa que ambos a teoria e a prática da tradução encontram-se em "zona nebulosa, de contornos imprecisos" e, apesar de reconhecer os problemas que envolvem ainda sua

institucionalização, a apresenta como, a priori, uma ciência.

Não houve consenso geral entre teóricos e tradutores sobre a definição deste ofício como ciência, ou como arte, em diferentes períodos. Um grupo tende, ainda hoje, a concebê-lo como atividade essencialmente criativa; outro, como atividade a ser exercida somente a partir de um conhecimento sistematizado. Propõe-se aqui que uma hipótese não anule a outra: trata-se de uma ciência e, concomitantemente, de uma atividade que requer de seu praticante muita criatividade, intuição e até mesmo certa aptidão.

2. Panorama atual

É verdade que, não obstante seu caráter científico, a tradução não foi uma atividade reconhecida academicamente até alguns anos atrás. Ao final da década de 70 e início da década de 80, encontram-se alguns indícios de que esse cenário começava a ser alterado. Os primeiros alunos a se formar no Brasil nesta área concluíram a graduação no referido período. Mencione-se que estudantes pioneiros em tradução graduaram-se na Universidade de Brasília no início dos anos 80, porém apenas obtiveram seu diploma depois de 12 de junho de 1987, quando a Portaria 372, finalmente, reconheceu o curso de tradução.⁸

Mattos afirma, nesse novo contexto, que o profissional da área já podia cursar, nas mesmas condições que

qualquer outro cientista, uma graduação que proporcionasse conhecimentos sistematizados e universais.⁹ O autor faz, todavia, uma ressalva: preparar o tradutor literário é utópico, pois este, além de uma formação formal, precisa ter aptidões especiais, o que vem a reforçar a convicção de que se trata de um exercício intuitivo.

Martins⁹ ressalta que hoje estudiosos já concordam sobre a exequibilidade de uma pedagogia da tradução, a qual deveria ocorrer de modo sistemático e no âmbito acadêmico. De fato, nos últimos 15 anos, a tradução vem adquirindo status de disciplina autônoma e ganhando, paulatinamente, território nas instituições de ensino superior.

Le Feal (1993) faz uma introdução ao conceito de tradução, explicita o problema da interferência e propõe um tipo de organização para o curso de tradução: sugere o início por uma visão geral da teoria do processo de tradução e ressalta a importância de uma escolha criteriosa dos textos a serem trabalhados em sala de aula. A autora sugere que o professor comece pela metodologia, a fim de dar aos estudantes uma visão global do processo tradutório. Entretanto, adverte que esse estudo teórico não deve ultrapassar duas ou três horas, pois as explicações metodológicas são retomadas durante a prática.¹⁰

Considerar três horas um período suficiente para prover o aluno com elementos teóricos é reconhecer que este

8) Mattos, 1980: 13.

9) Martins, 1992: 49-54.

10) *Ibidem*, 163.

estágio não é tão fundamental assim. A pesquisadora busca encontrar um equilíbrio entre a dosagem de teoria e de prática em um curso de tradução e termina resvalando na valorização desta em detrimento da primeira.

Apesar dos esforços de alguns pesquisadores, inexistem ainda um número suficiente de estudos teóricos acerca desta atividade. Martins admite que, apesar do consenso geral em relação à necessidade de uma pedagogia de tradução para a boa formação do tradutor, é necessário ainda elaborar abordagens pedagógicas que se adequem às necessidades dos estudantes.¹¹ Bell atribui a tendência a ignorar o processo tradutório à relativa estagnação dos estudos de tradução nos últimos anos.¹² Ambos os autores propõem que a ênfase, durante a formação, seja dada ao processo tradutório em si, e não ao produto final.

Martins advoga, como solução, a conjugação entre teoria e prática, mas em contraposição a Le Féal, preconiza a priorização da teoria ao longo de todo o estudo. Sua proposta é a criação de um modelo geral do processo tradutório, que seja perfeitamente absorvido na prática.¹³ Porém, não se pode olvidar que alunos de tradução são expostos a textos tão adversos, como um poema épico, uma descrição do sistema jurídico nigeriano, um discurso parlamentar, uma estória em quadradinhos, um artigo sobre macroeconomia, uma bula de remédios, um manual de instruções de um

vaporizador. Assim, quantos modelos do processo tradutório terão que ser criados?

Após alguns anos de experiência com a tradução e com seu ensino, esta professora compartilha, com certa tranquilidade, da opinião de que a tradução é, por excelência, uma atividade intuitiva e essencialmente cognitiva, na qual o arcabouço teórico é mais um viés que acompanha e enriquece a prática do que um suporte indispensável para seu exercício. Uma literatura de apoio pode ser composta à medida que a prática se desenvolve. Para confirmar esta visão, comparilhada por alguns colegas tradutores e professores de tradução do LET, a maior parte das disciplinas de teoria deverá ser dada, se houver a almejada mudança curricular, após o início da prática, quando o aluno já conta com alguma experiência e está em condições de fazer reflexões sobre o processo tradutório.

Mounin (1984) observa que boa parte dos tradutores é composta por autodidatas e não deixa de considerar este fato perigoso. Porém, reconhece que a conjuntura que envolvia o mercado de trabalho do tradutor vinha demonstrando que ele podia, de fato, exercer a profissão sem uma formação formal na área.

Aubert (1996) sugere que o tradutor tenha uma formação específica, no qual a teoria seja o alicerce necessário para a prática, que funciona como ilustração para os conceitos teórico-metodológicos. Porém, não propõe uma

formação acadêmica formal como condição sine qua non para o tradutor. O autor justifica este ponto de vista com o fato de a maioria dos tradutores no Brasil não ter formação específica na área e as graduações serem ainda muito recentes. Entretanto, reconhece que ambos, o tradutor e a universidade, teriam muito a ganhar com a interação e intercâmbio entre profissionais e a academia.

Deve-se observar que há áreas da ciência nas quais a prática e a observação se tornam indispensáveis. O conhecimento pressupõe, amide, o exercício aliado a constatações e não unicamente à adoção de uma teoria, que pode revelar-se, por vezes, inócua, não obstante a seriedade de pesquisadores.

O uso de técnicas estatísticas complicadas e de modelos teóricos hiper-abstratos, para dar a impressão de cientificidade e mascarar juízo e premissas duvidosos, está associado a uma série de técnicas e a um jargão esotérico que servem somente para obscurecer os problemas, mascarar a pobreza das idéias nas quais a pesquisa se apoia e limitar a comunicação a um pequeno clube de especialistas.¹⁴

Rónai, por sua vez, acredita que o aprendizado de tradução pode dar-se exclusivamente pela prática.

Uma das falácias da tradução é a ilusão de poder aprendê-la por tratados. Ora, como organizar um manual da tradução, se esta arte (ou ofício, se quem) escapa a toda sistematização?

Na verdade, a tradução aprende-se traduzindo.¹⁵

O autor parece mais realista, pelo menos no que concerne ao nível de experiência obtido em traduções, pois a experiência vem mostrando que seu ensino será eficaz se mais tempo for dedicado à prática. Porém, deve-se reconhecer que a conjugação entre prática e teoria muito contribui para a reflexão e o amadurecimento do aluno e, conseqüentemente, para uma formação mais completa.

3. Bibliografia

3.1 Obras de consulta

Mortora chama a atenção para a conjuntura desfavorável - como a falta de material adequado, entre outros, dicionários bilingües - na qual o tradutor é obrigado a exercer seu ofício. Segundo a tradutora, ao profissional restam dicionários de uma língua, a memória, a associação de idéias, a intuição e a sensibilidade.¹⁶ Ademais, inexistem dicionários, mesmo monolíngües, que tragam extensivamente verbetes para todos os termos existentes, principalmente nas áreas técnicas.

Alguns fatores, entretanto, podem ser favoráveis ao tradutor, como o fato de a nomenclatura internacional de várias áreas da ciência provir, em boa parte, do latim ou do grego. Isso faz com que, apesar de todas as variações possíveis, haja similaridade entre termos em várias línguas do tronco indo-

11) Martins, op. cit.: 50.

12) Bell *opud* Hatim, Mason, 1993: 3 (A tradução desta citação é minha).

13) Martins, 1992: 53.

14) Kappan *opud* Laville, 1999: 121.

15) Rónai, 1981: 110.

16) Mortora, 1996: 119.

européu. Quando não houver esta similaridade, e os recursos tradicionais assim como aqueles sugeridos por Mortora tiverem sido esgotados, uma estratégia válida é procurar textos que tratem do mesmo assunto no vernáculo, nos quais o estudante provavelmente reconhecerá o correspondente para termos desconhecidos na língua-meta.

O grande divisor de águas para o profissional foi o advento da Internet, a qual veio mudar essencialmente sua rotina de trabalho e, de certa forma, até a concepção do tradutor. O tradutor saiu do isolamento para uma relação de constantes trocas. Se ele não encontra material adequado para consulta em seu escritório, por outro lado, pode atualmente contar com um intercâmbio estreito de experiências e novas idéias, além de solucionar problemas específicos de tradução com uma rapidez e eficiência significativamente maiores do que há 10 anos.

Acredita-se que a falta de uma bibliografia satisfatória, em geral, não comprometa a atividade de tradução. Esta é per se uma atividade interdisciplinar e estudos em áreas diversas podem muito enriquecer e contribuir para a obtenção de melhores resultados. Conhecimentos em campos diversos tornam-se, ademais, imprescindíveis como background para a produção de traduções criteriosas.

3.2 Obras de cunho teórico

Quando se pensa em tradução, a primeira associação feita é com o texto. A idéia tradicional de texto pressupõe orações e, consequentemente, uma relação de coordenação e subordinação entre estas, de acordo com as

quais a coesão e a coerência textual passam a ser imprescindíveis para a harmonia do todo. Assim, um modelo eficaz que trouxesse realmente benefícios para o resultado final a ser obtido a partir do processo tradutório deveria pressupor uma abordagem de âmbito microtextual e não macrotextual. Porém, material amplamente satisfatório que traga regras ou procedimentos de tradução eficazes e aplicáveis estão ainda por ser elaborados.

Embora exista uma bibliografia relativamente vasta sobre a teoria geral da tradução, até mesmo devido ao fato de se tratar também de uma área interdisciplinar, a qual pode abarcar o estudo de vários diferentes campos do conhecimento, há déficit de material didático que forneça técnicas e procedimentos de tradução que possam efetivamente ajudar o estudante. Devido ao fato de reflexões gerais da teoria da tradução não se aplicarem ao processo tradutório propriamente dito do ponto de vista pragmático, pouco da teoria disponível pode ser aproveitado por estudantes.

Como sinalizado, diferentes tipos de texto pressupõem procedimentos distintos. Grosso modo, pode-se dizer que uma carta oficial deve ser traduzida para o vernáculo de forma que se ajuste aos moldes da redação oficial local; na tradução poética, trabalha-se, por vezes, com o signficante em detrimento do significado; na técnico-científica, tem-se a situação inversa.

Encontra-se, ainda, em cada texto específico a ser traduzido, uma infinidade de situações imprevisíveis, para as quais uma solução diferente deve ser encontrada. Se considerarmos a dinamicidade da língua e o número

de nuances que um vocábulo ou uma expressão pode adquirir em contextos diferentes, pode-se questionar a eficácia de um único ou alguns poucos processos tradutórios. O que deve ser ressaltado aqui é que o tradutor em formação depara-se constantemente com casos específicos a serem solucionados. Como prever e sistematizar esta vasta gama de possibilidades?

4. Procedimentos

Quando se pensa¹⁷ em processo tradutório, observa-se uma variedade de procedimentos possíveis, alguns dos quais são, de fato, adotados em sala de aula. Muitos tradutores provavelmente concordarão com a importância de uma leitura prévia de todo o texto a ser traduzido antes que se inicie a tradução propriamente dita.

...ilude-se o tradutor que julga ganhar tempo renunciando a essa leitura, pois ela lhe permite obter uma visão global das dificuldades e fazer a seu gosto a pesquisa necessária.¹⁷

Esta leitura prévia é bastante profícua, porém, por vezes, devido ao tempo que lhe é imposto pelo cliente, o tradutor termina abrindo mão desta fase. Entende-se que alunos devam, ao longo do curso, ser expostos a todas as adversidades potenciais da realidade de um profissional da tradução. O profissional pode, ainda, optar por abrir mão desta fase, como um desafio a mais e um modo de descobrir se é possível traduzir à primeira mão.

17) Rónai, 1981: 92.

Em um segundo momento, o estudante pode sublinhar os vocábulos que desconhece na primeira leitura, consultá-los e apenas posteriormente partir para a tradução, ou pode ainda consultar o vocabulário novo e resolver problemas específicos de tradução à medida que for traduzindo. Embora não muito aconselhável, o aluno pode ainda iniciar com a tradução e, apenas posteriormente, fazer a pesquisa necessária, para poder finalmente fazer os últimos retoques em seu texto. Há várias possíveis combinações que resultam em um novo procedimento.

O aluno de tradução termina por encontrar uma maneira própria e eficiente de traduzir os diferentes tipos de texto que lhe são expostos. Em sala de aula, pode-se observar que a seqüência adotada pelo aluno no que concerne ao processo tradutório propriamente dito não altera o resultado final. Vários exercícios ministrados em disciplinas de prática de tradução em momentos diferentes e com grupos diferentes vieram a reforçar esta constatação.

O objetivo principal de um graduação deveria ser auxiliar o estudante a produzir uma tradução de qualidade. Espera-se que este, durante o exercício da tradução, encontre elementos que o ajudem a chegar a boas soluções. Há uma variedade de peculiaridades com as quais o estudante pode deparar-se e cuja complexidade exige que ele faça algumas considerações, o que contribui sobremaneira para seu amadurecimento. Pressupõe-se que, depois de ter-se defrontado com inúmeras situações reais

de tradução numa área específica, haja elementos recorrentes o suficiente para auxiliar o estudante a solucionar os problemas entpostos; ou ele terá parte dos problemas já resolvidos, ou saberá como e onde fazê-lo.

Sendo os alunos alertados para o tipo de especificidades mais encontradas, provavelmente saberão como proceder para solucionar casos semelhantes. O estudante deve ter sempre em mente que qualquer deslize pode ter implicações não muito agradáveis, ou mesmo um tanto graves.

5. Áreas de estudo

O estudante deve ter uma formação que abarque, de preferência, um maior número de áreas nas práticas de tradução e versão. Esta justificativa é proveniente da constatação de que uma formação muito especializada não mais atende às exigências do mundo globalizado. As próprias diretrizes do Ministério da Educação para a reforma curricular enveredam para uma formação mais abrangente, que ofereça aos estudantes referenciais em múltiplas direções.

Os cursos de tradução de universidades em diferentes países dão ênfase, entretanto, à tradução literária. A explicação parece residir no fato de estas graduações ou pós-graduações terem sido engendradas no bojo das faculdades ou departamentos de Letras ou Literaturas. Caso tivessem originado em outros departamentos, com o intuito de sanar os problemas de tradução específicos de área ou de atender à grande demanda de tradução naquele

campo, a abordagem seria seguramente diferente. Infelizmente, alguns cursos de tradução praticamente ignoram a tradução técnico-científica, apesar da avassaladora maioria de textos em áreas técnicas a ser traduzida no mercado.

Alingügem técnica desempenha papel decisivo no exercício das profissões de tradutor e intérprete. Logo, os cursos acadêmicos destinados a formar esses profissionais deviam dar mais atenção ao estudo e à prática desse tipo de linguagem.¹⁸

O autor condena a formação afunilada, em que se priorize uma dos áreas do conhecimento humano. No que tange à tradução técnica, também desaconselha a restrição a um determinado campo científico durante a graduação. O ideal seria que o tradutor/aluno tivesse um conhecimento profundo da área na qual está atuando. Não obstante, como poderia o aluno de tradução conhecer a 2ª lei da termodinâmica, ou a etimologia da Doença de Chagas? Exigir do tradutor um conhecimento aprofundado das diversas áreas da ciência moderna é ilusório, mesmo porque o grau de especialização atualmente é tão elevado que os próprios cientistas não conseguem ter um conhecimento abrangente o suficiente de seu campo de atuação.

Santos (1991) propõe a difusão do ensino de tradução instrumental, experiência de vanguarda e ainda não difundida nos cursos de tradução vigentes no país, para atender à grande demanda de tradução técnica no mercado contemporâneo. Entretanto,

reconhece que a tradução literária ainda traz mais prestígio ao tradutor:

E será que, com todo o fascínio da tradução literária, este futuro profissional vai se sentir à vontade, prestigiado em ser um "tradutor técnico"¹⁹

Poes, ao fazer referência ao início das atividades de Manuel Bandeira como tradutor, atribui o epíteto "atividade prosaica"²⁰, pois este começou com a tradução comercial, apenas posteriormente se dedicou à literária.

Qualquer que seja a motivação do aluno - prestígio, retorno financeiro ou interesse pessoal - parece razoável que o estudante egresso opte por especializar-se naquela área que mais lhe convier. Isso deve acontecer, todavia, apenas depois que ele estiver inserido no mercado de trabalho. Durante a graduação, o contato com um maior número de áreas possíveis é condição para uma formação mais abrangente que propicie a oferta dos ferramentas necessárias para o futuro profissional atuar no mundo globalizado.

Conclusão

Observou-se que a conjuntura que envolve a pedagogia da tradução mudou relativamente pouco nos últimos 25 anos. As universidades brasileiras, salvo poucas exceções, ainda não conhecem núcleos de estudo de tradução, tampouco curso de graduação na área. Esta continua

sendo uma atividade informal, muitas vezes praticada por pessoas sem formação específica ou qualificação na área.

A maioria dos tradutores públicos assim como dos tradutores autônomos em exercício no país não tem formação na área. Resolve-se o último concurso público realizado em São Paulo para tradutor público, em que boa parte dos candidatos aprovados tem formação acadêmica na área, o que indica uma lenta mudança na conjuntura que envolve a atividade tradutória no país. Entretanto, não obstante a crescente valorização da formação institucional, tradutores atuantes no mercado ainda constituem um grupo autôdota.

Entre os apologistas de uma maior rigidez no que concerne à pedagogia da tradução, constatou-se que: apesar de preconizar uma sistematização do ensino de tradução e observar que o panorama do ensino superior de tradução está mudando, Mattos (1980: 13) admite que a tradução de textos literários, por exemplo, requer aptidões especiais. Segundo o autor, a prática deve perpassar todo o processo de formação, porém, há ainda alguns tipos de tradução que escapam à sistematização. Aubert (1996: 69) alerta para a distância existente entre tradutores e a academia e traça um paralelo da formação ideal para o tradutor com a graduação do profissional de Letras, as quais continuam amalgamadas na prática. Preocupa-se com o fato de o tradutor ser visto como um profissional de Letras (ibidem), mas reconhece que aquele, como demonstra a maioria dos casos,

18) Mattos 1980: 69.

19) Ibidem, 149.

20) Poes, 1990: 59.

pode ser bem-sucedido sem uma formação acadêmica. Le Feal (1993: 163) sugere o início pela metodologia, porém o restringe a duas ou três horas - o que parece ser um período quase insignificante - pois termina por admitir que os grandes benefícios são atingidos com a prática. Martins (1992: 53) sustenta que maior ênfase deve ser dada para a interação teoria e prática de tradução e que o processo tradutório deve ser o principal aspecto do ensino de tradução. Porém, admite que é preciso ainda elaborar abordagens pedagógicas para o ensino de tradução.

Como um dos representantes do ponto de vista oposto, Rónai (1981: 110) aparece como apologeta da tradução como uma atividade essencialmente intuitiva.

Devido a uma relativa escassez de material sobre a pedagogia da tradução em português, o que reforça a asserção de que muito pouco foi discutido e sistematizado neste sentido, houve a necessidade de fundamentação também na literatura francesa, cujos autores descrevem a conjuntura que envolve a tradução no meio acadêmico, e todos são unânimes com relação à inexistência de uma pedagogia já consagrada, diante da constatação de que a tradução tem sido uma atividade exercida por amadores, de forma não sistematizada. Claro está que descrevem a conjuntura na Europa; o Brasil se encontra em um estágio ainda anterior no que se refere à institucionalização do estudo da tradução e ao reconhecimento da profissão.

Um cotejo entre as diferentes visões no que tange ao ensino da tradução tornou-se fundamental. Entre os autores

consultados, encontraram-se dois grupos: aqueles que constatarem a inexistência de uma pedagogia da tradução e não consideram esse fato uma lacuna para professores e alunos; e aqueles que reconhecem sua inexistência mas advogam sua criação como única condição para o reconhecimento. Apesar de postularem um ensino de tradução sistematizado, admitem que "a pedagogia da tradução" é ainda desejável. Ainda hoje uma grande quantidade de tradutores exerce a profissão sem formação institucional.

Observou-se que há, em última análise, quase unanimidade entre teóricos da tradução e tradutores de renome com relação à importância da prática na aprendizagem da tradução. Prevaleceu a opinião de que a tradução é, a priori, uma atividade empírica. Não se pode negar que essa exige, de fato, criatividade e intuição, associada a uma alta dose de prática e experiência de seu praticante. Entretanto, a tradução vem sendo paulatinamente, e com propriedade, considerada um fato científico nos meios acadêmicos.

Uma das grandes dificuldades do professor de tradução continua sendo a não existência de uma metodologia eficaz já consagrada para seu ensino. Há procedimentos que podem ou não ser adotados em virtude de diferentes fatores. Professor e aluno terão que, juntamente, encontrar uma forma de concluir a tarefa específica de cada aula, para, assim, atingir o propósito maior.

Diante das constatações auferidas ao longo do artigo, propõe-se que o cuidado predominante do professor de tradução não seja com relação à definição de qual procedimento o aluno

irá adotar para fazer suas produções. Fazer apologeta a um ou outro processo tradutório, impor uma receita de como traduzir melhor ou exigir que o aluno assimile preceitos teóricos antes da prática parece uma proposta um tanto irrealista. O estudante não deve ter preocupação excessiva com o processo propriamente dito, ao contrário do que afirma ser importante Martins²¹, e sim com o resultado a ser alcançado, i.e., uma tradução que atenda bem aos propósitos a que se destina.

Bibliografia

- ARNITZ, R. *Aciência da terminologia e a formação de tradutores e intérpretes*. In: MATTOS, D. (org. e trad.) *A formação do tradutor em nível universitário*. Brasília: Horizonte, 1980.
- ARROJO, R. *O que pode efetivamente ensinar o professor de prática de tradução*. In: COSTA, L. A (org.) *Limites da tradução*. Salvador: EDUFBA, 1996. pp. 91 a 97.
- AUBERT, F. H. *Tradução e universidade: a formação de tradutores profissionais*. In: COSTA, L. A (org.) *Limites da tradução*. Salvador: EDUFBA, 1996. pp. 59-73.
- AZENHA, J. *Um curso de tradução, dois momentos, algumas reflexões*. In: COSTA, L. A (org.) *Limites da tradução*. Salvador: EDUFBA, 1996. pp. 75 - 82.
- BALLARD, M. *La traduction relève-t-elle d'une pédagogie?* In: *La traduction: de la théorie à la didactique*. Lille: Université de Lille III, 1984. pp. 13-28.
- COSTA, L. A. *Os conceitos de 'tradução literal' e 'tradução livre' no processo de ensino aprendizagem*. In: COSTA, L. A (org.) *Limites da tradução*. Salvador: EDUFBA, 1996. pp. 83 a 89.
- FEAL, K. D. *Pédagogie raisonnée de la traduction*. In: *Meta XXXVIII. 2. Paris: Université Paris III, 1993.*
- GREGOLIN, M. *Análise do discurso: conceitos e aplicações*. In: *Revista Alta* v. 39. São Paulo: Ed. UNESP 1995. pp. 13-21.
- HATIM, B. & MASON, I. *Discourse and the Translator*. New York: Longman, 1993.
- LADMIRAL, JR. *Pour la traduction dans l'enseignement des langues. 'Version' moderne des humanités*. In: Ballard, Michel (org.), *La traduction: de la théorie à la didactique*. Lille: Université de Lille III, 1984, pp. 39-56.
- LAVILLE, C. *Um diálogo entre o objeto e o método: reflexões acerca da metodologia de pesquisa*. In: *Linhas Críticas*. v. 5, n. 9, jul./dez. Brasília: Universidade de Brasília. 1999, pp. 119-128.
- MALLOT, J. *A tradução científica e técnica*. Trad. Paulo Rónai. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil. Brasília: Ed. da Universidade, 1975.
- 21) Martins, 1992: 49-54.